

SÓCRATES NO TRIBUNAL

A **APOLOGIA DE SÓCRATES**, de **Platão**,
posta em português brasileiro contemporâneo
e levemente adaptada para fins teatrais

por Ralf Rickli

SÓCRATES NO TRIBUNAL

SÓCRATES NO TRIBUNAL

A **Apologia de Sócrates**, de Platão,
posta em português brasileiro contemporâneo
e levemente adaptada para fins teatrais

por **Ralf Rickli**

CARPINTARIA PESADA REALIZADA EM SANTOS, SP, 2007
FINALIZAÇÃO: VITÓRIA, ES, 2019



N.º: 312236081
WWW.REGISTRODEOBRAS.COM
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Arq.1 190909
Arq.2 190910
Arq.3 190916

SUGESTÃO PARA LEITURA EM TELA: feche qualquer barra lateral no Acrobat. Escolha *Zoom para nível de página* (Ctrl+0). No menu *Visualizar* escolha *Exibição da página* e em seguida *Exibição de página individual* ou *Exibição em duas páginas*, como preferir.

SUGESTÃO PARA MELHOR RENDIMENTO DE IMPRESSÃO: procure opções de “duas páginas por folha” para imprimir em formato paisagem, frente e verso, com inversão na borda curta. O resultado pode ser melhor se você dispuser de papel no formato ofício norte-americano (Legal).

São permitidos compartilhamentos parciais ou integrais do texto deste trabalho desde que com menção clara ao nome do autor da adaptação (RALF RICKLI) bem como ao endereço virtual onde o texto tiver sido encontrado, e sem requerer por isso nenhum tipo de pagamento, o que permanece direito exclusivo do autor. **Realizações teatrais**, quer integrais quer parciais, só serão permitidas mediante acordo prévio entre o autor da adaptação e o(s) responsável(is) pela encenação pretendida, acordo esse escrito e firmado em tantas vias idênticas quantas forem as partes em acordo.

CONTATO COM O AUTOR: ralf.r@tropis.org

*Quero dedicar este exercício de ressuscitação
à grande **DENISE STOKLOS**,
cujo Teatro Essencial
me capacitou a reconhecer o ethos teatral
na comunicação platônica da palavra socrática.*

ÍNDICE

- 6 O QUE VOCÊS TÊM EM MÃOS,
EM POUCAS PALAVRAS
- 8 **Parte I: O DISCURSO DE DEFESA**
SEÇÕES 1.1 A 1.25
- 51 **Parte II: APÓS A CONDENÇÃO**
SEÇÕES 2.1 (26) A 2.13 (38)
- 66 ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS

O QUE VOCÊS TÊM EM MÃOS, EM POUCAS PALAVRAS

O texto a seguir expõe uma situação ocorrida no ano 399 Antes da Era Cristã, situação que impressiona por tantas semelhanças com coisas que, passados mais de 2.400 anos, ainda acontecem.

*O caso aconteceu em Atenas, na época a mais destacada das cidades-Estado de fala grega, envolvendo um certo **Sócrates**, então com 70 anos, acusado de perturbar a ordem do modo que se verá.*

De origem popular, filho de um entalhador e de uma parteira, esse Sócrates não deixou sequer uma linha escrita – e no entanto sua influência na história intelectual da humanidade tem sido tanta que ainda hoje se costuma classificar os pensadores em “pré-socráticos” e “pós-socráticos”.

*O que temos aqui é uma memória das falas de defesa pronunciadas por Sócrates diante de um tribunal, como registrada por um aluno seu que, pelo que sabemos, tinha entre 24 e 30 anos na ocasião: **Platão**, também considerado um dos pensadores mais decisivos da História.*

*Desse texto, conhecido como a **Apologia de Sócrates**, existem no Brasil diversas traduções, bastante diferentes entre si mas todas em um português passadista de pretensões clássicas, muito diferente do que se fala nas ruas – em desacordo com as intenções do próprio Sócrates, que declara logo de início que irá apresentar sua defesa na linguagem comum que sempre usou ao conversar e ensinar pelas ruas e mercados de Atenas.*

Meu projeto foi então, basicamente, trazer Sócrates na linguagem das nossas ruas – do Brasil do início do século XXI – seja para simples leitura, seja como base para possíveis realizações teatrais (ao que o texto de Platão convida como que automaticamente). Não se trata, porém, de um texto “livremente inspirado” no de Platão, e sim de uma efetiva retradução do mesmo texto contido nas traduções mais convencionais – exceto por algumas pequenas intervenções de recontextualização cultural, devidamente assinaladas por colchetes e notas de rodapé.

*Comentários prévios sobre o conteúdo me parecem desnecessários: **o texto fala por si!** Já para mais detalhes sobre os motivos, fontes e critérios desta adaptação, consultem-se os *ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS*, ao final.*

Ralf Rickli, 2019

[DE VOLTA AO ÍNDICE](#)

1.^a parte:

O DISCURSO DE DEFESA

1.1

EU NÃO SEI, senhores cidadãos de Atenas, que impressão meus acusadores podem ter causado nos senhores, mas vou lhes dizer a impressão que causaram *em mim*, o acusado: tenho que admitir que a força de convencimento deles foi enorme; aliás, foi *tamanha*, que eu mesmo, o acusado, quase esqueci quem eu sou!¹

Verdades sobre mim, posso garantir que não disseram nem uma. *Tudo* o que disseram foram mentiras em cima de mentiras. E dessas, senhores – dessas muitas mentiras que disseram – houve uma que realmente me espantou: foi quando recomendaram aos senhores que tivessem cuidado pra não se deixarem iludir pelo *tremendo orador* que eu sou!

Nem se encabularam com o fato de que vão ser desmentidos *agora mesmo* – pois agora mesmo, ao me defender, eu vou mostrar que de grande orador eu não tenho nada!

Quer dizer: é pura cara-de-pau!²

¹ O destaque dado à expressão “eu não sei” se deve ao papel que essa expressão terá no presente texto – como se verá – e na filosofia socrática em geral.

² Naturalmente, pode-se optar por outras expressões de sentido similar.

A menos que eles chamem de grande orador quem diz a verdade... Se é *assim* que eles entendem, aí eu vou ter que admitir que sou um orador.

Ao contrário deles.

Pois, como eu já disse, de verdadeiro eles não disseram nada – ou, se alguma coisa, quase nada. E de mim os senhores *vão* ouvir a verdade. Inteira.

1.2

Mas não, senhores atenienses!, pelo Deus dos Deuses!,³ o que os senhores *vão* ouvir de mim não são discursos arrumadinhos como os deles, com seus substantivos e verbos combinados com toda elegância... Eu vou falar aqui é de improviso – com as palavras que me vierem no momento – guiado somente pela certeza da justeza do que eu digo. Que nenhum dos senhores espere outra coisa de mim!

Afinal, nem ia ficar bem a um velho como eu, aparecer aqui diante dos senhores tentando falar bonito, como um rapaz inexperiente...

Mas tem uma coisa que eu peço dos senhores, cidadãos de Atenas, e insisto em pedir: se os senhores me ouvirem usar, na minha defesa, a mesma linguagem que eu costumo usar por aí – nas ruas... nas bancas do mercado... onde tantos dos senhores já me escutaram – por favor... não achem descabido, nem protestem por isso: com a minha idade de setenta anos, é

³ Originalmente “por Zeus!”. Sobre nossa opção nas diferentes referências a divindade(s), ler a seção “Esclarecimentos adicionais”.

a primeira vez que eu compareço diante de um tribunal – e, com isso, não tenho nenhuma familiaridade com a linguagem que se costuma usar nos tribunais.

Se eu fosse estrangeiro, os senhores com certeza desculpariam que eu falasse com o sotaque e o jeito de falar do meu povo; então acho que é justo pedir que os senhores tolerem também o meu modo de falar normal – não importando se podia ser melhor ou se podia ser pior; peço que reparem apenas se o que eu digo é *justo* ou *não é*.

Pois, afinal, é esse o papel de quem julga, [não é mesmo?] – enquanto o de quem depõe é o de dizer a verdade.

1.3

Pois bem, senhores atenienses: é importante que eu responda primeiro às primeiras acusações tortas que fizeram contra mim, e aos meus primeiros acusadores, e só depois às acusações e aos acusadores recentes.

Pois, de fato, os senhores têm tido, aí com os senhores, quem me acuse já de longa data – embora desde então sem dizer nada de verdadeiro.

É desses primeiros acusadores que eu tenho mais receio, mais que deste senhor Ânito e da turma dele. Não que estes também não tenham seu perigo; mas os acusadores antigos têm mais – e têm mais porque foram eles quem deu educação à maior parte dos senhores desde crianças,

... e foram desde então convencendo os senhores, com acusações falsas, de que o tal Sócrates era um sujeito instruído

“que se ocupa com os fenômenos do céu, se mete com o que acontece debaixo da terra, e que é capaz de fazer os argumentos mais fracos ganharem dos mais fortes”.

Por espalharem essa fama, senhores, eles se tornaram os meus acusadores mais perigosos, pois quem escuta o que eles dizem fica achando que as pessoas que pesquisam esses assuntos não acreditam em deuses.

Depois, esses acusadores são muitos, vêm me acusando desde há muito tempo, e diziam essas coisas aos senhores ainda crianças, adolescentes no máximo, quando ainda acreditavam em tudo – e falavam longe da minha presença, ou de qualquer um que pudesse me defender.

E o mais absurdo é que nesse caso nem existe como saber e como apontar os *nomes* de quem falava – a não ser, talvez, o de um certo autor de comédias⁴.

Alguns por inveja, ou por antipatia, buscavam convencer os senhores; e os que se deixavam convencer iam adiante, convencendo outros: esses todos são o pior tipo de inimigo – pois não tem como chamar algum deles aqui ao tribunal pra desmentir o sujeito – e então eu me vejo como lutando com sombras; rebatendo acusações sem que ninguém responda por elas.

Em resumo: é importante que os senhores entendam que eu tenho dois tipos de acusadores: os que trouxeram a juízo as acusações presentes, e os antigos, de que acabo de falar; e é importante que entendam também que preciso me defender

⁴ Ver adiante.

primeiro dos antigos, pois os senhores ouviram as acusações dos antigos *antes*, e por muito mais tempo, que as acusações atuais.

Enfim, senhores cidadãos de Atenas: preciso começar a minha defesa. Tenho pouco tempo para tentar remover do espírito dos senhores calúnias que vem se alojando aí já por tanto tempo!

Para o meu bem *e para o dos senhores*, gostaria *muito* de conseguir remover essas calúnias e de ter sucesso na minha defesa. Mas sei que isso não é fácil; tenho total consciência de qual é a situação.

Que o resultado seja o que for da vontade divina; a parte que me cabe é obedecer à lei apresentando a minha defesa.

1.4

Vamos ver, portanto, em que tipo de acusação se baseia a calúnia em que se baseou o Sr. Meleto para me mover este processo! O que diziam mesmo os meus caluniadores? Vamos ler o que declararam, sob juramento, na qualidade de acusadores:

“Sócrates é réu de pesquisar os fenômenos subterrâneos e os celestes além da medida razoável, de fazer as causas fracas ganharem das fortes, e de ensinar essas mesmas coisas aos outros.”

É mais ou menos isso o que declararam – e isso mesmo os senhores podiam ver na comédia “As Nuvens”, do Sr. Aristófanes: um certo Sócrates, transportado através da cena, dizendo

que caminhava pelo ar e um monte de outras *asneiras* sobre assuntos de que *eu* não entendo nem muito nem pouco!

Entendam, eu não estou expressando desprezo por esse tipo de conhecimento – se é que existe alguém que de verdade o tem! (Que o Sr. Meleto não venha, ainda por cima, me acusar de injúria por *isso!*)

O fato, senhores, é que dessas coisas eu não tenho *a menor noção!*

E como testemunhas disso eu chamo *os senhores mesmos*: conversem aí uns com os outros, e os que já me ouviram falar (e esse é o caso de *muitos* dos senhores) digam se me ouviram dizer alguma coisa, por menor que fosse, sobre esse tipo de assunto.

Digam!

E aí os senhores vão ver que é da mesma categoria tudo mais que se fala de mim por aí.

E do mesmo modo como nenhuma *dessas* balelas tem fundamento, muito menos tem fundamento o boato de que eu *ensino por dinheiro*.

Não que eu seja contra! – não, não!... Na verdade eu *admiro* quem é capaz de ensinar como Górgias de Leontino, Pródico de Ceos, Hípias de Élide...

Cada um desses vai de cidade em cidade, senhores, e aos jovens do lugar – que podiam muito bem frequentar a casa de alguém da sua própria cidade, e de graça – eles conseguem convencer que venham para a casa deles, que lhes *paguem*, e ainda lhes fiquem agradecidos!

Aliás, pelo que eu soube, anda por aqui mais um desses professores, um da cidade de Paros: um dia desses eu passei casualmente na casa de um homem que já deve ter pago a esses mestres sofistas mais dinheiro que todos os outros reunidos. Estou falando do Cálías, filho de Hipônico. Como eu sabia que ele mesmo tem dois filhos, eu perguntei:

“Escute, Cálías, se em vez de dois filhos você tivesse dois potros, ou dois bezerros, não seria difícil arranjar alguém que, por um pagamento, se encarregasse de desenvolver neles todas as qualidades próprias de um potro ou de um bezerro: seria um adestrador de cavalos, ou um lavrador...

Mas, como os seus filhos são *homens*, a quem você pensa confiar o desenvolvimento deles? Existe alguém que seja mestre nas virtudes próprias de homem e de cidadão?

Pois eu imagino que, tendo filhos, você já tenha pensado no assunto.

Então: existe alguém assim, ou não existe?”

E aí o Cálías me disse: “Existe sim, é claro!”, e eu perguntei mais: “E quem é? De onde vem? E cobra quanto?”

E ele respondeu: “É o Eveno, Sócrates. Eveno de Paros. Eu pago a ele cinco peças de prata”.⁵

⁵ “Peças de prata”: originalmente “minas”, nome de uma moeda grega. Evitamos esse nome para não causar confusão com minas de onde *se extrai* prata. De acordo com o contexto da encenação, pode ser interessante substituir por uma referência a moedas atuais – mas com certeza seria difícil estimar o que realmente significava receber cinco *minas* de prata na Atenas de 399 a.C.

E aí eu pensei que devia dar os parabéns a esse Eveno, se ele realmente possui *essa* arte e a ensina por preço tão módico! Da minha parte, eu seria feliz e orgulhoso se fosse capaz de fazer o mesmo. Que pena, senhores atenienses: *eu* não sou!

1.5

A essa altura alguém dos senhores poderia perguntar: “Mas afinal, Sócrates, que ocupação você tem? E por que é que brotam essas calúnias? Com certeza, se a sua vida não fosse extravagante, ou a sua ocupação muito fora do comum, não iriam falar tanto de você!”

Diga logo, então, qual é a sua ocupação, para a gente aqui não acabar imaginando coisas...”

Acho que essa é uma colocação bastante razoável, e então vou tentar explicar aos senhores o que foi que deu origem a essa fama e a essa calúnia. Por favor, escutem!

Aliás, alguns dos senhores podem até achar que eu estou querendo fazer graça, mas estejam certos de que o que vou dizer é a verdade: eu ganhei essa fama, senhores, exclusivamente por causa de *uma determinada* sabedoria.

É, senhores: *uma determinada sabedoria*.

E... *qual* sabedoria, então?

Aquela sabedoria que é – talvez – *a* sabedoria realmente própria do ser humano; e *essa* sabedoria, pode ser que eu realmente possua.

Esses de que eu falava há pouco devem ter uma sabedoria sobre-humana, ou alguma coisa que eu nem sei como chamar, porque *eu não conheço*. Quem disser que eu conheço, esse está mentindo pra me caluniar.

1.6

E agora... – por favor, cidadãos de Atenas, não percam a calma mesmo se parecer que eu estou querendo me engrandecer... pois as palavras que eu vou dizer não são minhas, e sim de alguém que merece toda confiança dos senhores: se é que a minha sabedoria existe, seja lá qual for, quem dá certidão dela é o deus que é cultuado no templo de Delfos.

Os senhores conheceram o Querofonte, não conheceram? Foi meu amigo desde quando a gente era moleque, e foi amigo de boa parte dos senhores aí – foi exilado junto com os senhores, voltou do exílio com os senhores. Os senhores *sabem* como era o Querofonte; a paixão que ele punha em tudo que fazia.

Pois bem: um dia o Querofonte foi lá em Delfos e se atreveu a fazer ao oráculo a seguinte pergunta (por favor, senhores, peço mais uma vez que não percam a calma): o Querofonte perguntou se existia alguém mais sábio do que eu – e a sacerdotisa respondeu que não; que não existia ninguém mais sábio. O Querofonte já morreu, mas o irmão dele está aqui, e ele pode confirmar – mas vejam bem por que é que eu estou contando isso: é porque eu quero explicar a origem dessas calúnias!

Quando eu fiquei sabendo dessa resposta do oráculo, eu pensei o seguinte aqui comigo: “O que é que o deus realmente quis dizer? Existe algum sentido *a mais* escondido nessa resposta. *Eu* não acho que eu sou sábio – nem muito nem pouco; o que é, então, que ele *realmente quer dizer* quando diz que eu sou o mais sábio? Mentindo ele não pode estar – porque DEUS não mente!”

E eu passei *tempo* encafifado⁶ com isso – até que cansei, e disse: “Eu vou tirar isso a limpo!” E procurei um homem que é conhecido como sábio, pensando: se existe jeito de eu desmentir a afirmação do oráculo, é esse: eu *mostro*: “Está aqui um mais sábio que eu – apesar de você ter dito que eu era o mais sábio de todos”.

Aí, então, eu fui observar esse homem – o nome não importa, era um político. E observando bem, ao longo de uma conversa, o que me pareceu foi que ele *dava impressão* de ser sábio para os olhos de muita gente – e principalmente para si mesmo – mas que na verdade não era... E aí, eu aqui tentei *mostrar* a ele que ele estava enganado ao pensar que era sábio!

Resultado? Que ele e a turma que estava com ele pegaram ódio de mim...

E eu ao sair fui pensando assim: “É, mais sábio que esse homem eu realmente sou – pois pode ser que nem ele nem eu saibamos nada de bom nem de bonito, mas ele *acha* que sabe alguma coisa enquanto não sabe; já eu... nem sei, nem acho que sei.”

⁶ Ou “intrigado”, “embatucado” etc.

Então parece que eu sou, sim, um *pouquinho* mais sábio que ele, justamente por isso: por não achar que eu sei o que eu não sei.

E aí já em seguida eu procurei um que era tido por ainda mais sábio que esse... e tive a mesma impressão – e do mesmo modo terminei odiado por ele e por muitos mais!

1.7

Mas eu continuei a investigar, mesmo depois disso, apesar de perceber, com desgosto – e com receio – que a cada dia arranjava mais inimigos.

É que eu sentia que era meu dever levar a sério aquela resposta divina – e pra tentar entender o sentido da resposta tinha que procurar *todos* os que pareciam saber alguma coisa.

E eu juro – afinal, eu tenho que dizer *a verdade* aos senhores – juro *pelo cão* que, no geral, o que eu vi foi isto: partindo da inspiração que veio do oráculo divino, eu vi que justamente os mais famosos não sabiam quase nada de relevante [– quero dizer: quase nada que *faz diferença saber* –], enquanto que outros, vistos como gente menor e sem importância, estavam muito mais perto da sabedoria.

Ora, eu preciso contar! Preciso relatar aos senhores o esforço que me custou esse vai-e-vem para entender como é que o oráculo podia ser verdade.

Depois dos políticos, eu fui então aos literatos: os autores de poemas, de dramas, romances e novelas⁷... achando que desta vez a minha ignorância seria evidente.

Levei comigo as obras deles – as melhores, onde pareciam ter dado o máximo de si – e aí eu ia fazendo perguntas sobre as obras, querendo aproveitar pra já aprender alguma coisa com isso... E olhem, dá até vergonha dizer... mas estou aqui pra dizer a verdade, e... se é pra falar a verdade, acho que *qualquer um daqui* poderia falar melhor que os escritores sobre as obras que eles escrevem!

Não demorou nada e eu concluí que esses literatos não escrevem suas obras por sabedoria, mas por um dom natural, por uma espécie de inspiração espiritual como a dos profetas e a dos videntes: esses, afinal, dizem coisas lindas sem saber nada do que dizem! E percebi que é esse o caso também dos literatos.

Mas também percebi mais: percebi que, devido ao talento que têm, eles terminam acreditando que são os homens da maior sabedoria *em qualquer campo*, sobre qualquer assunto... – e não são!

Então deixei de lado os literatos, convencido que era de fato mais sábio que eles pela mesma razão que com os políticos.

⁷ Neste ponto (bem como no seguinte) operamos uma pequena recontextualização cultural; as traduções costumam dizer aqui algo como: “poetas, autores de tragédias, de ditirambos e outros”.

1.8

E aí, por fim, eu fui até os artífices [, homens de ofícios, técnicos, fazedores de coisas]. Eu, da minha parte, já tinha consciência de não saber nada – e estava certo de que iria encontrar muitos *e belos* conhecimentos nesses artífices.

E *aí* não me enganei: eles *realmente* tinham conhecimentos que eu não tinha – e *nesse sentido* eram mais sábios que eu.

Só que *aí* me pareceu uma coisa, senhores: me pareceu que esses bons artífices – e é claro que é dos bons que eu estou falando – têm o mesmo defeito dos escritores: cada um deles, por ser bom na sua arte, terminava achando que também entendia de *tudo*; que os assuntos mais avançados não podiam ter mistério para ele – e *aí*, essa pretensão acabava desvalorizando os conhecimentos que eles tinham de verdade, fazendo deles, na prática, uns ignorantes.

E então eu perguntei a mim mesmo *em nome do oráculo* se eu preferia ser como eles – que têm ao mesmo tempo algum saber e alguma ignorância – ou se preferia ser como sou: sem o saber deles mas também sem aquela ignorância.

E, sendo honesto, respondi a mim mesmo – e ao oráculo – que acho mais vantagem continuar como eu sou.

1.9

E foi essa a investigação, senhores atenienses, que me fez arranjar tantas inimizades, tão empedernidas e atroztes que fizeram brotar tantas calúnias – e foi ela, também, que acabou me valendo a fama de sábio, pois quem assiste essas discus-

sões geralmente termina pensando que *eu* seja sábio naqueles assuntos onde eu mostro que os outros são ignorantes.

Mas se há sabedoria nisso tudo, certamente essa é a da DIVINDADE, que, com o seu oráculo, provavelmente quis dizer que o saber humano vale pouco, muito pouco... vale nada...

Está na cara que, ao falar de Sócrates, o oráculo estava apenas dando um exemplo, como quem diz: “Sábio, entre vocês mortais, é quem reconheceu, *como Sócrates*, que saber o que sabe *não é mérito nenhum*”.

Essas investigações, senhores, eu continuo com elas, andando pela cidade e fazendo perguntas – no espírito do oráculo divino – a qualquer ateniense ou estrangeiro que me pareça ser sábio. E, na hora em que eu percebo que não é, é *como um serviço a DEUS* que eu demonstro que ele *não* é sábio.

Essa ocupação não me deixou tempo para me dedicar nem aos negócios privados nem a uma carreira pública – e é por isso que eu vivo em extrema pobreza: por viver a serviço de DEUS.

1.10

Há só mais um ponto a mencionar, quanto às acusações antigas: os jovens.

Os jovens que dispõem de tempo livre vêm espontaneamente comigo porque gostam de ver os adultos sendo examinados. [Em Atenas, os senhores sabem,] os que têm tempo são os fi-

lhos das famílias ricas. [Quem sabe se em outras cidades, outros tempos, isso não será diferente?]⁸

Enfim: muitos desses jovens começaram a imitar o que eu faço, e a sair por aí testando a sabedoria dos outros – e é claro que o que mais encontram é gente que acha que sabe alguma coisa quando sabe muito pouco, ou não sabe de nada.

E aí essa gente se irrita *não com eles*, e sim comigo, dizendo que há um certo Sócrates que é um homem perverso, maligno, que anda corrompendo a juventude da cidade.

Quando alguém pergunta o que é que esse Sócrates faz, ou ensina, que corrompe a juventude, eles não têm o que responder: não sabem!

E aí, pra não ficar mal, apelam para as acusações que se costumam fazer contra todos os que se dedicam à filosofia [ou à ciência]:⁹ que se metem a futucar *nas coisas do céu e das profundezas da matéria*,¹⁰ que não acreditam nos deuses, e que dão jeito de fazer quem não tem razão ganhar a questão.

Porque *a verdade* é que eles não vão querer confessar: que ficou provado que eles fingem saber quando não sabem. E então, como são vaidosos, prepotentes, e são muitos... e foram falando contra mim de um jeito persuasivo... e um confirman-

⁸ Os trechos entre colchetes são acréscimos visando auxiliar a compreensão transcultural.

⁹ Originalmente apenas “filosofia” – porém para os gregos essa palavra abarcava também tudo o que viemos mais tarde a chamar de “ciência”.

¹⁰ Originalmente “da terra”.

do o outro..., já faz tempo que encheram os ouvidos dos senhores de calúnias – e de calúnias das piores.

E foi do meio disso tudo que saíram agora os senhores Meleto, Ânito e Lícon: Meleto tomando as dores dos literatos, Ânito, dos artesãos e dos políticos, Lícon, dos oradores, [articulistas, conferencistas...]

Com isso tudo, como eu disse no começo, será de surpreender se eu conseguir desfazer nos senhores – em tão pouco tempo – os efeitos dessa calúnia já tão consolidada.

É esta, senhores atenienses, a pura verdade. Eu não escondo dos senhores nada de grande nem de pequeno, nem existe nada que eu tente dissimular – e sei que *isso* está levantando ódios aí mais uma vez, agora mesmo,

... o que apenas comprova que eu disse a verdade e que a razão das calúnias é essa mesma, e nenhuma outra. Investiguem as coisas a hora que quiserem – agora ou mais tarde – e os senhores irão descobrir que é *isso* mesmo.

SUGESTÃO CÊNICA: Sócrates pergunta "*posso tomar um pouco d'água?*". Trazem-lhe água, toma, relaxa, toma fôlego para a segunda metade do Discurso de Defesa.

1.11

Sobre os ataques dos meus primeiros acusadores não preciso dizer mais nada. O que é preciso agora é tentar me defender do Sr. Meleto – esse “homem de bem” que “age por amor à cidade”, como ele próprio costuma dizer – e aos outros que me acusaram por último.

E, como já fizemos com outros, vamos partir da acusação que ele fez sob juramento. Ela diz mais ou menos assim:

“Sócrates é réu de corromper a juventude, e de não acreditar nos deuses em que esta cidade acredita mas em divindades novas.”

A acusação é essa. Agora vamos analisar ponto por ponto.

O Sr. Meleto diz então que eu sou culpado de corromper a juventude.

Mas eu, senhores atenienses, afirmo que quem tem culpa no cartório é ele: é culpado de brincar com coisa séria, arrastando cidadãos ao tribunal com a maior leviandade, fingindo que se interessa por coisas pra que ele nunca deu *a mínima*.

E eu vou tentar mostrar aos senhores o que eu estou dizendo.

Ô... Sr. Meleto, por favor, gostaria que o senhor ajudasse a entender melhor a acusação que me faz. O senhor pode tirar essas minhas dúvidas?

Para o senhor, pelo que eu entendo, é da máxima importância que os jovens se tornem pessoas melhores – os melhores cidadãos que for possível, não é?

MELETO: Exatamente.¹¹

Pois então, por favor, conte aqui e agora [para mim e] para os juízes *quem é* que tem o poder de tornar os jovens melhores. Está claro que o senhor *sabe* nos explicar isso, já que o assunto é da máxima importância para o senhor. Quem *estraga* os jovens, o senhor descobriu, e aponta *a mim* diante deste tribunal. Então, por favor, diga também ao tribunal quem é que *melhora* os jovens.

MELETO:
[PERMANECE CALADO E IMÓVEL]

Ora, Sr. Meleto, o senhor não responde? Não sabe o que dizer agora? Não vai ficar com vergonha de que pensem que eu tenho razão em dizer que o senhor na verdade nunca deu *a mínima* importância a esse assunto?

Então eu pergunto mais uma vez, meu bom cidadão: quem é que tem o poder de tornar os jovens melhores?

MELETO: As leis.¹²

¹¹ Ideias cênicas para todos os casos em que uma segunda voz quebra o monólogo de Sócrates: tanto se pode preparar alguém que responda do meio da plateia, quanto deixar que, depois de alguns instantes de silêncio, o próprio Sócrates reporte à plateia o que teria ouvido nesses instantes, em termos como “Ah, então o senhor me diz que...”

¹² A expressão original (*Oi nómoi*) tem um campo semântico um pouco mais amplo do que a expressão “as leis” pode sugerir à primeira vista: pode-se

Mas a minha pergunta não é bem essa, meu *excelente* senhor e cidadão! – e sim: quê *homem*, quê *pessoa*, é capaz de tornar os jovens melhores com base nessas leis de que o senhor fala.

MELETO: Os juízes que estão aí na sua frente, Sr. Sócrates.

O senhor está dizendo então que esses senhores são capazes de educar os jovens e de fazer deles pessoas melhores, certo?

MELETO: Exatamente.

Todos eles? Ou alguns sim e outros não?

MELETO: Todos.

É uma excelente informação, essa que o senhor nos dá! Pela NOSSA MÃE DIVINA¹³! Temos abundância de benfeitores!

E as pessoas que estão aqui, assistindo o julgamento, também melhoram os jovens?

MELETO: Elas também.

E os membros do Conselho, ali?

MELETO: Eles também.

E os cidadãos que constituem a Assembleia Geral desta cidade: eles estragam os jovens ou também melhoram os jovens?

pensar em “as normas”, “as instituições”, ou, de modo um pouco mais complexo porém não fantasioso, “as nossas leis e instituições.”

¹³ Originalmente “*Por Hera!*”.

MELETO: Também melhoram.

Então estamos chegando à conclusão de que *todos* os habitantes desta cidade melhoram os jovens, só eu é que corrompo! É isso?

MELETO: É justamente isso.

Que desgraça o senhor descobriu que eu sou, então!

Olhe, eu gostaria que o senhor respondesse se esse mesmo fenômeno acontece também com os cavalos, por exemplo: que todas as pessoas são capazes de melhorar os cavalos, e existe um, só um, que estraga com eles.

Ou não seria o contrário[?]: que só um, ou só uns poucos, são adestradores, capazes de deixar os cavalos melhores, enquanto a maioria, quando vai lidar com cavalos, não sabe como e acaba deixando os bichos mal-acostumados?...

Não é isso o que acontece, Sr. Meleto, com os cavalos e os outros animais?

O que acontece *é isso*, não importa se o senhor e o seu amigo Ânito digam que sim ou que não.

Que sorte a dos jovens, então!, que exista só *uma* pessoa que sabe estragar com eles, enquanto todas as outras só lhes fazem o bem!

Mas o que isto tudo realmente prova, Sr. Meleto, é que o senhor *nunca se importou com os jovens*, e que essas coisas de que o senhor me acusa nunca fizeram a mínima parte das suas preocupações!

1.12

E, pelo deus dos deuses, Sr. Meleto, me esclareça mais uma coisa: o que é que é melhor: viver entre cidadãos virtuosos ou com pessoas más?

Vamos, meu amigo, responda que essa pergunta é fácil: não é verdade que os maus sempre terminam fazendo algum mal a quem anda perto deles, enquanto os bons acabam sempre fazendo algum bem a quem está por perto?

MELETO: É evidente.

E então me diga: será que existe quem prefira ser prejudicado pelas pessoas com que convive do que ajudado por elas?

Responda, amigo!, a lei ordena que o senhor responda: haverá alguém que queira ser prejudicado?

MELETO: Certamente que não.

Pois bem: o senhor, que me acusa de corromper os jovens, diz que eu faço isso por querer ou sem querer?

MELETO: Na minha opinião, o senhor faz por querer.

Sr. Meleto, isso é realmente impressionante! Jovem como é, o senhor já é tão mais sábio que este velho aqui! Pois o senhor sabe que os maus sempre acabam fazendo algum mal aos que andam perto deles, e os bons acabam fazendo algum bem; já eu, minha ignorância é tão grande que eu ainda nem percebi que me arrisco a receber algum mal se eu tornar ruim algum dos que andam comigo...

Ou seja: o senhor diz que eu vivo fazendo um imenso mal a mim mesmo, e que o faço por querer!!!

Não, não dá, Sr. Meleto! A mim o senhor não convence, nem creio que vá convencer disso nenhuma outra pessoa! O fato é que eu não corrompo a juventude, ou, se a corrompo, eu o faço sem querer – e, se é assim, o senhor está mentindo, seja no primeiro, seja no segundo caso.

E tem mais: se por acaso eu tenha corrompido a juventude sem querer, na nossa cidade não existe lei que autorize o senhor a levar alguém ao tribunal por erros involuntários: o que o senhor deveria era me chamar de lado pra me esclarecer e advertir – pois é claro que se o senhor mostrar meu erro eu deixarei de fazer aquilo que estava fazendo sem querer.

Mas o senhor evitou encontrar comigo e não tentou me esclarecer; preferiu me arrastar a este tribunal, aonde a lei manda trazer os que precisam de castigo, não os que precisam de esclarecimento.

O que isto deixa claro, senhores cidadãos de Atenas, é o que eu dizia ainda há pouco: o Sr. Meleto nunca deu importância a esses assuntos, nem muita nem pouca.

1.13

Mas... apesar disso... vá lá, Sr. Meleto – e esclareça aqui para nós: *de que modo* eu corrompo a juventude, pelo que o senhor entende.

Pelos termos da denúncia que o senhor apresentou a este tribunal, parece que é ensinando-os a não acreditar nos deuses

em que a cidade acredita, e sim em deuses diferentes e novos.

Está certo que o senhor diz que eu corrompo os jovens desse modo?

MELETO: É exatamente isso o que eu digo.

Mas então, Sr. Meleto, por esses mesmos deuses de que estamos falando, explique melhor essa coisa – a mim e aos juízes.

Eu ainda não consegui entender se o senhor diz que eu ensino a acreditar na existência de alguns deuses – e nesse caso eu não posso ser acusado de ateísmo, pois mesmo que não sejam os deuses que se costuma cultuar nesta cidade, e sim outros, com isso eu estarei admitindo que algum deus existe, então *ateísmo* meu crime não pode ser.

Ou o senhor afirma que eu não creio mesmo em deus nenhum, e que ensino isso aos outros.

MELETO: O que eu digo é isso: que o senhor não acredita em deus nenhum!

Sr. Meleto, o senhor é mesmo fantástico! Por que é que me sai com esta, agora! Quer dizer que eu não acredito que o Sol e a Lua são deuses, como todo o nosso povo acredita?

MELETO: Ele não acredita, não, senhores juízes, por Zeus! Ele vive dizendo que o Sol é uma rocha, e que a Lua é uma espécie de Terra.

Então o senhor pensa que o seu acusado aqui é um homem chamado Anaxágoras – ou está fazendo pouco dos juízes, pensando que eles são ignorantes a ponto de não saber que são os livros de Anaxágoras de Clazômenas que estão cheios dessas teorias!

O senhor acha, então, que eu iria dizer aos jovens que essas ideias são minhas, quando por qualquer trocado eles podem comprar os livros do Anaxágoras lá nas bancas de livros do teatro – e depois iriam rir da minha cara por eu ter apresentado como se fossem minhas logo umas ideias assim tão diferentes, tão fáceis de identificar!

Mas enfim, por Zeus!, o senhor acha mesmo que eu não acredito em deus nenhum?

MELETO: Acho sim, por Zeus!
Tenho certeza!

Não dá pra levar o senhor a sério, Sr. Meleto! Acho que nem o senhor mesmo se leva a sério!

Senhores juízes, olhem só o atirado e leviano que é esse senhor! Acho que foi de puro estouvamento de jovem que ele me fez essa acusação. Parece que ele fez foi uma pegadinha para me experimentar: “Será que o Sócrates vai perceber que estou tirando uma da cara dele,¹⁴ fazendo acusações que se contradizem? Ou será que eu consigo enganar a ele e ao restante do auditório?”

¹⁴ Ou outra expressão como “fazendo troça”, caso se prefira menos informalidade.

Pois está na cara que ele se contradiz já na denúncia, que em última análise diz o seguinte: “Sócrates é culpado por um lado porque não acredita em deuses, e por outro porque acredita.”

Ora, isso é fala de quem está fazendo gozação!

1.14

Peço que examinem comigo, senhores cidadãos de Atenas, as razões pelas quais eu acho que ele está fazendo isso.

Que o Sr. Meleto faça o favor de nos responder – e que os senhores juízes lembrem de não protestar se eu conduzir minha defesa do meu jeito, de acordo com o pedido que fiz logo no início.

Sr. Meleto, pode por acaso existir alguém que acredite na existência de coisas humanas e que ao mesmo tempo não acredite na existência de homens? (Senhores juízes, peço que obriguem esse homem a responder, em lugar de ficar apenas protestando aí em vários tons). Poderia existir quem negasse a existência de cavalos mas gostasse de assistir as corridas na Hípica?¹⁵ Quem adorasse música de flauta, mas não acreditasse na existência de flautistas?

Se o senhor não quer dizer, deixe, que eu mesmo digo, ao senhor e à audiência: é claro que não pode haver.

¹⁵ Originalmente “acreditasse na arte da equitação”, ou forma semelhante. Em seguida, analogamente, o texto fala apenas de “aceitar” ou “acreditar” na música de flauta. “Hípica” pode ser substituído por outras palavras que façam referência equivalente conforme o local (p.ex. “Jockey Club”).

Mas responda pelo menos *esta*, Sr. Meleto: haverá quem acredite em coisas espirituais sem acreditar em espíritos?¹⁶

MELETO: Não, não há.

Obrigado por ter respondido – mesmo se a contragosto, forçado pelos juízes.

Acontece que, apesar dessa resposta, o senhor afirma que eu acredito na ação de espíritos e ensino que essa ação existe – não importa se de um modo novo ou antigo: o senhor mesmo disse – mais: jurou – no ato de acusação. Ora, se eu acredito na ação dos espíritos, é evidente que tenho que acreditar também *nos espíritos*, é ou não é? (É claro que é, e parece que o senhor concorda, já que não responde).

Ora, nós gregos não acreditamos que os espíritos são deuses ou filhos de deuses? Sim ou não?

MELETO: Sim, claro que sim.

¹⁶ As palavras originais equivalem *etimologicamente* a “coisas demoníacas” e a “demônios” – porém uma tal tradução nos resulta falsa quanto ao sentido: a ideia grega de “dáimon” definitivamente não corresponde à ideia judaico-cristã de “demônios”; está muito mais próxima é do conceito de “anjos”, que podem igualmente ser bons ou maus. Para evitar problemas pelo excesso de definição, optei pela palavra de origem latina “espíritos”, justamente por ser genérica nas mais diversas tradições, abrangendo desde o Deus único judaico-cristão (conforme a expressão bíblica “Deus é espírito”), até o próprio espírito humano, passando no entremeio pelos diferentes seres caracterizados como angélicos ou demoníacos. Desejando-se, porém, uma tradução mais conservadora, uma solução possível seria usar as formas “dáimons” e “coisas daimônicas”.

Então, se eu admito a existência de espíritos – como o senhor mesmo diz –, e se os espíritos são deuses, então eu tenho razão em dizer que o senhor está fazendo charadas ou palhaçadas, dizendo que eu não acredito em deuses mas acredito, já que acredito em espíritos.

E se os espíritos forem uma espécie de filhos bastardos dos deuses, nascidos de ninfas ou de outras criaturas, segundo diz a tradição, então quem é que pode admitir que existam filhos de deuses sem acreditar em deuses? Seria o mesmo que admitir que as mulas nascem das éguas e dos jumentos, e por outro lado negar que existem éguas e jumentos!

Não, Sr. Meleto, não é possível que o senhor tenha movido esta ação contra mim se não foi para nos testar; ou então não sabia de nenhum crime real de que me acusar, e aí tentou ver se nos enrolava. Que o senhor consiga convencer qualquer pessoa com um mínimo de bom senso que existe um homem que acredita na atuação dos espíritos e deuses sem acreditar nos espíritos, deuses e heróis – isso me parece completamente fora do possível.

Então, senhores cidadãos de Atenas, acho que não é preciso apresentar mais provas de que não sou culpado dos crimes de que o Sr. Meleto me acusa: o que foi dito é pra lá de bastante. Mas vejam bem que é verdade o que eu disse há pouco: que virei alvo de ódio de muita gente. Se eu for condenado, o que terá causado minha condenação não será Meleto nem Ânito, e sim a calúnia e a inveja de muitos. Isso já tem causado a ruína de muitos homens de bem, e com certeza ainda causara a ruína de muitos – quer dizer: não há perigo de que a última vítima seja eu...

1.15

Mas a essa altura talvez alguém haja por bem perguntar: “Ô, Sócrates, você não se envergonha de ter se dedicado a uma ocupação que agora está colocando a sua própria vida em risco?”

Pois a isso a resposta que cabe é a seguinte:

“Meu amigo, você está enganado se pensa que um homem de algum valor deve se preocupar com os riscos de viver ou de morrer na hora de agir – em lugar de considerar apenas se o que faz é justo ou é injusto, se está agindo como um homem digno ou como um canalha. Na sua visão, não teriam mérito aqueles semideuses que morreram lutando diante da cidade de Troia, entre eles o filho de Tétis, Aquiles, para quem o perigo era nada em comparação com a desonra.

Quando viu que Aquiles pretendia matar Heitor, sua mãe, que era uma deusa, lhe disse mais ou menos assim: ‘Meu filho, se você matar Heitor para vingar a morte do seu camarada Pátroclo, você mesmo morrerá: morre Heitor, e você morre em seguida.’

Ele ouviu isso mas fez pouco caso da morte e do perigo: muito mais medo ele teve foi de viver em desonra por ter deixado passar impune a morte dos seus companheiros.

O que ele disse foi isso: ‘Melhor que eu morra depois de ter castigado o culpado do que ficar aqui como alvo da ironia do pessoal dos meus navios, um mero peso inútil para a Terra carregar’”.

Então: você acha que Aquiles deu a mínima para a morte?

A verdade é esta, senhores atenienses: quem assume uma posição, seja porque julgou que a posição era a mais certa, seja porque recebeu de seus chefes a responsabilidade por essa posição... na minha opinião esse deve sustentar sua posição mesmo em face de todos os perigos, sem se preocupar com o risco da morte nem com qualquer outro risco, a não ser o da desonra.

1.16

E seria estranho, senhores cidadãos de Atenas, que depois de eu me haver mantido firme como qualquer soldado, desafiando a morte, no posto em que fui colocado pelos generais eleitos pelos senhores – isso em Potideia, em Anfípolis e em Délio –, seria de fato estranho que eu agora abandonasse o posto que me foi designado por um deus, e que, por medo da morte ou do que quer que seja eu desertasse da missão, conscientemente aceita, de viver praticando a filosofia, examinando aos outros e a mim mesmo.

Seria *muito* estranho, e, aí sim, poderiam me trazer a este tribunal com a acusação de não acreditar nos deuses – pois teria desobedecido a palavra do deus por mero medo da morte, julgando-me sábio sem ser sábio nenhum.

Pois ter medo da morte, cidadãos de Atenas, é bem isso: é pretender ser sábio sem ser – pois é imaginar que se sabe o que não se sabe!

Afinal, ninguém sabe o que é de fato a morte, nem se ela acaso não é o maior *dos bens* para um homem – mas as pes-

soas têm medo como se soubessem com certeza que a morte é o maior *dos males*.

Ora, não é essa a ignorância mais condenável – a de achar que se sabe o que não se sabe?

Talvez esteja nesse ponto, senhores atenienses, a minha diferença em relação ao comum das pessoas: se eu pretendesse ser mais sábio que os outros em alguma coisa, seria nisso: já que não sei com exatidão o que se passa nos domínios de Hades [– o deus dos mortos –], não fico achando nem faço de conta que sei.

Mas que é mau e vergonhoso cometer injustiça e não seguir a orientação de quem sabe mais que eu, seja um deus ou seja um homem, *isso* eu sei com certeza – e por isso nunca irei fazer um mal que eu tenho certeza que é mal, com a intenção de me safar de coisas de que eu não tenho nenhuma certeza de como são – e que bem podem ser boas!

1.17

Para deixar isso mais claro, vamos supor agora que os senhores rejeitem a opinião do Sr. Ânito, segundo a qual eu nem deveria ter aparecido aqui, mas, já que apareci, não posso deixar de ser condenado à morte, pois, se não, logo logo os seus filhos estarão todos corrompidos, pois estarão todos seguindo os ensinamentos desse tal Sócrates.

Se, apesar disso tudo, os senhores me dissessem: “Sr. Sócrates, não vamos dar crédito às acusações de Ânito, nós queremos absolver o senhor – mas com uma condição: a de que não se dedique mais a esse tipo de pesquisa, e que abra mão

da filosofia! Se o senhor for pego fazendo essas coisas mais uma vez, é morte certa”.

Se por acaso acontecesse isso, de os senhores me colocarem essa condição para me absolver, eu diria o seguinte:

“Cidadãos de Atenas: eu tenho pelos senhores consideração e afeto, mas não vou deixar de obedecer a um deus para obedecer aos senhores: enquanto eu ainda respirar e ainda estiver de posse das minhas faculdades eu não vou deixar de filosofar – e não vou deixar de ensinar e de cutucar a consciência daqueles que eu encontrar pelo caminho.

Não, não vou deixar de dizer, como é meu costume: ‘Meu amigo, você é ateniense, você é da cidade maior e mais famosa tanto por sua cultura quanto por seu poderio... Você não fica envergonhado de só pensar em como aumentar ao máximo a sua riqueza, a sua fama, seus títulos e honrarias – e de não se preocupar um mínimo com a sua capacidade de entendimento, com o-que-é e onde-está a verdade, com o seu aperfeiçoamento como pessoa?’

E se algum dos senhores disser que se importa, sim, com tudo isso... não pense que eu largo fácil do seu pé: vou fazer perguntas, vou analisar e pôr em cheque as suas opiniões – e se eu chegar à conclusão de que está afirmando que é uma pessoa de alma superior quando na verdade não é, eu não vou deixar de lhe chamar atenção para o fato de que dá valor a besteiras e não às coisas que têm verdadeiro valor.

É isso o que eu vou continuar fazendo com quem eu cruzar pelo caminho, seja jovem ou velho, seja ateniense ou vindo de fora – mas muito especialmente com os que são atenienses,

gente do meu próprio sangue; pois isso são ordens recebidas de DEUS – e acho que nunca nada foi tão útil a esta cidade quanto esse meu trabalho a serviço de DEUS”.

1.18

Afinal, nas minhas idas e vindas pela cidade eu não faço outra coisa além de tentar convencer a todos, jovens e velhos, a se preocuparem um pouco menos com a riqueza e com a aparência do corpo, e um pouco mais com a alma, com o melhoramento da pessoa que você é – mostrando que não é da riqueza que nasce a virtude mas da virtude que nascem a riqueza e todos os outros bens, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade.

Se os senhores me dizem, então, que eu corrompo a juventude, estão dizendo que *essas coisas* são nocivas – pois as coisas que eu digo são *essas*; se alguém afirmar que o que eu digo é outra coisa, esse alguém está mentindo.

Por tudo isso, senhores, não faz diferença se vão dar crédito ao Sr. Ânito ou não, se vão me absolver ou não: essa minha atitude, eu não mudo nem que tenha que morrer mil vezes.

1.19

Atenienses! Sem gritarias, por favor! Peço que tenham a paciência de apenas ouvirem até o fim, como combinamos! Tenho certeza de que será vantagem *para os senhores!* Aviso que ainda tenho algumas coisas a dizer que poderiam provocar protestos – mas por favor, evitem. Como eu disse, a vantagem será dos senhores.

Pois se me condenarem à morte por ser *como eu estou dizendo*, os senhores estarão prejudicando mais a si mesmos do que a mim. Olhem, eu afirmo que fazerem algum mal a mim nem está ao alcance desses senhores – o Meleto ou o Ânito; simplesmente *não é possível*: eu estou convencido de que é *impossível* uma pessoa má fazer mal a uma pessoa de bem.

É verdade que um acusador pode me levar à morte, ao exílio, ou à perda dos meus direitos civis – e talvez eles achem que essas coisas são grandes desgraças. Mas eu não acho isso, não: acho que desgraça muito maior é a que eles estão tentando causar a si mesmos: *serem responsáveis pela execução injusta de um homem*.

E sendo assim, atenienses, não é em *minha* defesa que eu estou atuando neste momento, e sim na defesa *dos senhores* – tentando evitar que, com a minha condenação, os senhores cometam o pecado de ir contra uma graça que um deus lhes enviou.

Pois se os senhores me fizerem morrer, não vão encontrar facilmente outro homem como eu, que fui destinado a esta cidade por esse deus, como... com perdão da comparação um pouco cômica: como uma espora destinada a um cavalo que é de boa raça mas que por ser muito grande é um tanto lerdo e precisa ser cutucado o tempo todo.

Pois me parece que foi com essa missão que o deus me colocou nesta cidade: para estar sempre por perto de cada um para estimular, induzir, provocar a consciência em cada um.

Outro igual, os senhores não encontrarão tão fácil, de modo, que se estão me entendendo, me preservarão a vida.

Mas *eu entendo* se os senhores estiverem irritados como quem foi desperto no melhor do sono...

Entendo que nesse caso talvez prefiram dar razão ao Sr. Ânito, tomando partido contra mim e me condenando à morte sem nem pensar – para depois passarem o resto da vida dormindo, a menos que o deus se preocupe com os senhores e mande outro para lhes despertar...

1.20

Atenienses: que a minha vida seja de fato a de um presente de DEUS à cidade, os senhores podem ver pelo seguinte: pela lógica puramente humana não dá pra entender que eu tenha descuidado de tudo o que fosse vantagem para mim – e já faz anos que carrego as consequências desse fato.

Nesse tempo todo eu só me ocupei *de vocês* – me aproximando de cada um em particular, como um pai ou irmão mais velho, para persuadir a se ocupar com a virtude.

Se eu tirasse algum proveito disso, se eu aconselhasse em troca de pagamento... então ainda dava pra entender: [quem disse que consultoria não é um meio de vida *de futuro?*]

Mas os senhores mesmos estão vendo que nem os meus acusadores, tão descarados em me atribuir todo tipo de malfeitos – nem eles chegaram a apresentar alguma testemunha com a cara-de-pau de dizer que tenha me visto receber ou pedir algum pagamento.

É que eu tenho uma testemunha que fala mais alto, e acho que dá prova definitiva da verdade do que eu digo: *a minha pobreza*.

Senhores, eu admito que pode parecer estranho que eu ande pra lá e pra cá dando conselhos a cada um em particular, me preocupando com os assuntos de todo mundo... em lugar de vir falar na assembleia, dando conselhos públicos à cidade inteira de uma vez... – mas muitos dos senhores já ouviram a explicação disso nas minhas conversas por aí: a explicação é a atuação de um ser divino ou espiritual dentro de mim – uma coisa, aliás, da qual o Sr. Meletó se permitiu fazer caçoada no ato de acusação.

Seja lá o que for, isso começou já na minha infância: é como se fosse uma voz dentro de mim: uma voz que nunca me diz o que eu *devo* fazer: quando aparece, é para me *desviar* de alguma coisa que eu estou a ponto de fazer: “isso não”.

Foi isso o que me impediu de ter me tornado um político.

E parece que tem sido bem a propósito – pois a verdade, senhores atenienses, é que, se eu tivesse me tornado um político, há muito tempo já estaria morto e não teria podido ser útil – nem a mim mesmo, nem aos senhores.

Os senhores desculpem se a verdade que eu preciso dizer é incômoda: o fato é que se algum homem tem a *generosidade* de ir contra a maioria – nesta ou em qualquer outra assembleia popular – para tentar impedir que se cometam tantas injustiças e ilegalidades... – esse não escapa. Quem está realmente empenhado em lutar pela justiça e quer continuar vivo

por algum tempo que seja, esse terá que atuar em particular, não em público.

Disso eu posso dar boas provas aos senhores – não argumentos, e sim fatos, que é do que os senhores gostam. Escutem algumas coisas que me aconteceram e os senhores vão ver que não sou de fazer concessões à injustiça por medo da morte – e que é *por isso* que mais cedo ou mais tarde eu não podia escapar...

Desculpem se neste ponto meu discurso pode ficar parecendo nhenhênem jurídico, mas o que eu vou dizer é verdade:

1.21

Eu lhes disse, senhores, que nunca exerci cargos públicos, mas eu fiz parte, sim, do Conselho dos 500 [– e, como os senhores sabem, as dez tribos do povo ateniense se revezam na liderança desse conselho].¹⁷

Aí houve aquele caso dos dez generais que deixaram de recolher os mortos depois da batalha naval [de Arginusas, contra os espartanos], e calhou que era a tribo antióquida – a minha tribo – que estava na liderança na época.

Naquela oportunidade os senhores quiseram julgar os dez generais em conjunto – um procedimento ilegal, como os senhores mesmos reconheceram depois – e, do grupo que estava na liderança, eu fui o único que tentei impedir que os senhores violassem a lei, votando sozinho contra essa intenção.

¹⁷ Aqui e nos casos logo a seguir, o texto entre colchetes contém informações adicionais baseadas nas notas das edições utilizadas como fontes.

Nesse momento não faltaram oradores pra me lançar acusações e pedir minha prisão – e os senhores ainda os encorajavam, aos gritos. Mesmo assim, eu preferi correr perigo ao lado da lei e da justiça a apoiar a assembleia numa decisão injusta por medo da prisão ou da morte.

Nessa ocasião nossa cidade estava sob regime democrático – mas houve outro caso no tempo da oligarquia, quando a cidade esteve sob o poder do Grupo dos Trinta.

Nessa época os Trinta mandaram me chamar, junto com quatro outros cidadãos, e nos mandaram ir à Ilha de Salamina e trazer de lá o Sr. Léon,¹⁸ que eles pretendiam matar. Os senhores sabem, [dizem que eles estavam de olho nos bens desse Sr. Léon, mas o importante é que] eles costumavam envolver outros nessas suas ações, pra deixar amarrados com eles o maior número possível de cidadãos.

Nessa ocasião eu pude demonstrar mais uma vez, não com palavras, mas com atos, que eu não dou mais bola pra morte que para um figo podre – se me perdoam a grosseria –, o que me importa acima de tudo é não cometer injustiça nem nada de ímpio – e, com todo o seu autoritarismo, aquele governo não conseguiu que, por medo, eu cometesse uma injustiça: no que saímos de lá, os outros quatro seguiram para Salamina e trouxeram o Sr. Léon. Eu não quis saber e voltei direto para minha casa – e, os senhores sabem, é provável que eu tivesse sido morto por isso se o governo dos Trinta não tivesse caído logo em seguida.

¹⁸ Outras edições trazem Léo, Leon, Leão – evidentemente, apenas variantes do mesmo nome.

Desses casos, não faltam testemunhas.

Os senhores acham que, sendo assim, eu teria chegado até os setenta anos se tivesse entrado pra valer na política e ocupado cargos públicos – ainda mais se tentasse desempenhá-los de forma digna de um homem de bem, defendendo o que é justo acima de tudo, como deve ser? Sem chance, atenienses!¹⁹ Nem eu nem nenhum outro!

Enfim: na pouca participação que tive nos negócios públicos deixei claro que eu sou assim – e assim eu sou também nos negócios particulares, jamais cedendo um palmo em relação ao que é certo – nem mesmo com aqueles que meus caluniadores chamam de “meus discípulos”.

1.22

Discípulos!

Na verdade, senhores, *eu nunca fui mestre de ninguém!*

Apenas que, se alguma pessoa, jovem ou velha, mostra interesse em me ouvir, – ou em me observar enquanto eu desempenho as minhas tarefas – eu nunca disse que não.

Também nunca reservei minhas conversas para os que têm recursos: estou sempre à disposição tanto dos ricos como dos pobres para ouvir suas perguntas e responder – ou, quando preferem, para lhes fazer perguntas e ouvir o que respondem.

¹⁹ Não há dúvida de que a expressão “sem chance!”, no sentido presente, pode se tornar obsoleta com muita rapidez. Os textos utilizados como base dizem aqui “longe disso” ou “muito longe disso”.

Se algum desses se torna uma pessoa melhor, ou não se torna, não é justo que atribuam a responsabilidade a mim – pois eu nunca prometi ensinar nada a ninguém.

Além disso, se alguém disser que ouviu de mim em particular alguma coisa diferente do que todos os outros ouvem, podem saber que não está falando a verdade.

Por que, então (os senhores poderiam perguntar), alguns gostam de passar tanto tempo comigo?

Ora, eu já expliquei com a maior sinceridade: eles gostam de me ver examinar aqueles que acham que são sábios mas não são: afinal, nisso não deixa de haver um certo gostinho, não é mesmo?

Da minha parte, no entanto, se eu faço isso é por ordem de DEUS – como eu já disse –, transmitida não só pelo oráculo mas também por sonhos e todos os outros modos que a vontade divina usa para dar suas instruções a uma pessoa.

1.23

É fácil verificar tudo isso que eu estou dizendo, senhores atenienses: afinal, se eu ando corrompendo jovens, e já corrompi a outros no passado, seria inevitável que, com a idade, alguns desses tivessem reconhecido que foram maus os conselhos que receberam de mim na sua juventude – e, nesse caso, deveriam se apresentar aqui hoje para me acusar e exigir minha punição. Ou, se eles mesmos não quisessem fazer isso, alguém da sua família – pais, irmãos, outros parentes – deveria lembrar do mal que lhes causei e pedir a minha condenação.

Ora, estou vendo muita gente aqui nessa situação – começando por Críton, da minha idade e do mesmo bairro que eu, pai do Critóbolo, que também está ali... Lisânias de Êsfeto, com o filho Êsquines... Antifonte de Cefisia, pai de Epígenes... e vários outros cujos irmãos participaram do meu convívio: Nicóstrates, filho de Teozótides e irmão do Teódoto – o Teódoto, aliás, já morreu, de modo que não tem como interferir em nada que o Nicóstrates quisesse dizer; Páralo, filho de Demódoco, que tinha o irmão Teages; Adimanto, filho de Aríston, e seu irmão Platão, que está presente... e também Aiantodoro, irmão de Apolodoro, também presente.

E eu poderia citar ainda muitos mais – que o Sr. Meleto poderia ter citado como testemunhas na sua acusação. Se foi por esquecimento que não citou, que faça agora! Eu, da minha parte, estou de acordo; que ele nomeie, então, a sua testemunha!

Mas é justamente o contrário, atenienses: todos esses homens estão prontos a me defender: a mim, que corrompo, que faço mal aos seus parentes, como dizem o Ânito e o Meleto...

Talvez os corrompidos tivessem razões para me apoiar, mas e os parentes, homens maduros e que eu não corrompi? O que é que os levaria a me defender, se não a certeza reta e justa de que Meleto está mentindo e quem está dizendo a verdade sou eu?

1.24

Concluindo, senhores: o que eu posso dizer em minha defesa é isto; se eu dissesse mais, seriam coisas do mesmo gênero.

Só estou pensando aqui comigo que talvez algum dos senhores se irrite por lembrar que já passou por um processo

neste tribunal – e que, mesmo sendo um processo menos grave que o meu, pediu e suplicou aos juizes com rios de lágrimas, apresentando, além de parentes e amigos, os próprios filhos, tentando provocar o máximo de compaixão... – enquanto que eu não estou fazendo nada disso, apesar de que me parece óbvio que estou exposto ao maior dos perigos.

Talvez, enfim, alguém pudesse pensar essas coisas, ficar irritado comigo e agir com raiva no momento do voto. Na verdade eu não acredito que algum dos senhores esteja sentindo essas coisas, mas, se estivesse, o que eu lhe diria é o seguinte: “Também eu tenho parentes, meu caro, pois, como diz Homero, ‘não nasci de uma árvore nem de um rochedo’, e sim de seres humanos. Eu tenho parentes, e além disso três filhos: um adolescente e dois ainda crianças. No entanto não vou trazer nenhum deles ao tribunal, nem vou ficar implorando pela absolvição”.

E por que é que eu não vou fazer nada disso?

Não é por arrogância, senhores cidadãos de Atenas, nem por menosprezo aos senhores. Nem está em questão se eu tenho ou não tenho medo da morte.

É que, honestamente, não me parece que ficaria bem para a minha dignidade, nem para a dos senhores, e nem para a da cidade, se eu agisse de tal modo na minha idade e com a reputação que eu tenho – pois, certa ou errada, é opinião corrente que Sócrates tem alguma coisa de diferente em relação aos homens comuns. Ora, se até aqueles de nós que parecem se distinguir pela sabedoria, pela coragem, ou por qualquer outra

virtude – se até esses procederem do modo que eu acabo de dizer – ah... que vergonha, senhores!

Tenho visto homens de grande prestígio fazerem as cenas mais patéticas quando são julgados, como se morrer fosse o horror dos horrores, e mais: como se achassem que só por serem condenados à morte é que vão morrer, pois do contrário viveriam para sempre – *os imortais!*

Ora, senhores, na minha opinião esses homens envergonham a cidade... Os estrangeiros vão acabar pensando que os atenienses de maior mérito – aqueles que seu povo escolhe para ocupar os mais altos cargos – não são mais corajosos que umas mulheres [assustadas]...²⁰

Está aí, portanto, atenienses, uma coisa que não devemos fazer se temos ainda que um mínimo de valor, nem os senhores devem consentir que lhes tentem manipular desse modo. Pelo contrário, os senhores deviam deixar claro que estarão mais prontos a condenar quem vier representando esses dramas lamentáveis que cobrem a cidade de ridículo, que aqueles que souberem se portar com dignidade!

1.25

E, senhores!, convenhamos: não é só uma questão de honra e dignidade: simplesmente não está certo dirigir pedidos a um juiz e ser absolvido a custa de súplicas, em lugar de expor os fatos e tentar persuadir pelos fatos – pois o juiz não ocupa o seu

²⁰ Originalmente apenas “mulheres”. Trata-se aqui de uma tentativa de moderar o impacto do preconceito de gênero da época, porém sem tentar escondê-lo. Naturalmente são possíveis outros modos de proceder com isso.

lugar para fazer favores, mas para avaliar o que é o justo. Afinal, *ele jurou não favorecer quem lhe agrada, e sim aplicar as leis* – e por isso não cabe nem aos julgados nem aos próprios juízes ficarem oferecendo estímulos e oportunidades para a violação desse juramento: tanto de uma parte quanto da outra, isso seria um sacrilégio, um crime contra os valores sagrados.

Não esperem, então, que eu assuma diante dos senhores atitudes que eu não considero nem belas, nem justas, nem de acordo com os valores sagrados, sobretudo – pelo Deus dos Deuses! – no momento em que sou réu de um processo por desrespeito ao sagrado – que é o que Meleto abriu contra mim.

Pois afinal, se com as minhas súplicas eu conseguisse persuadir os senhores a violarem o seu juramento de juízes, *aí* eu estaria ensinando os senhores a não crerem nos deuses – de modo que estaria me mostrando culpado no próprio ato de me defender!

Mas as coisas são bem diferentes: a verdade, senhores cidadãos de Atenas, é que eu acredito nos deuses mais do que qualquer dos meus acusadores, e por isso me entrego [agora] aos senhores e a DEUS para que decidam a meu respeito do modo que for melhor para todos nós.

BREVE INTERVALO?

[DE VOLTA AO ÍNDICE](#)

2.^a parte: APÓS A CONDENAÇÃO

2.1 (26)

Tenho muitas razões – senhores cidadãos de Atenas – para não me revoltar contra o fato de ter sido condenado.

Antes de mais nada, eu já contava com isso.

Na verdade, se alguma coisa me surpreendeu foi o modo como os votos se repartiram contra mim e a meu favor: nunca pensei que a diferença fosse tão pequena; tinha imaginado uma maioria forte contra mim – mas, se não erro as contas, com apenas mais trinta votos eu teria sido absolvido.

E ainda mais: em relação à acusação do Sr. Meleto, eu posso afirmar que *fui* absolvido: qualquer um pode ver que, se os Srs. Ânito e Lícon não tivessem se juntado na acusação, ele é que teria sido condenado a uma multa de mil dracmas por ter feito uma acusação que não conseguiu nem um quinto dos votos.

2.2 (27)

Pois bem, esses senhores pediram, para mim, a sentença de morte – e[, pela nossa Lei,] eu agora devo propor outra sentença no lugar dessa.

¿Mas qual? ²¹

É evidente que eu devo propor uma pena que eu mereça.

¿Que penalidade será que eu mereço por ter, conscientemente, aberto mão de uma vida tranquila, sem ligar para as coisas que todo mundo procura: dinheiro, bons negócios, patentes militares, sucesso como orador, cargos públicos de chefia, entrar e sair das panelinhas da política?

¿Qual a pena por ter considerado que eu era escrupuloso demais para não me dar mal, se eu tivesse ido por esse caminho?

¿Por não ter escolhido um rumo de vida em que eu não teria feito diferença nenhuma, nem para os senhores nem para mim mesmo?

¿Por ter escolhido um tipo de vida que me permitiu prestar a cada um de vocês, individualmente, o que eu considero ser o maior dos benefícios – que foi tentar convencê-los de que importa menos cuidar das suas coisas e posses que de si mesmo no sentido de vir a ser o melhor e o mais sábio possível; de que importa menos cuidar dos *bens* da nossa sociedade do que da sociedade mesma [– da qualidade dos laços que a constituem –]²² e assim por diante, aplicando o mesmo princípio em todos os campos da vida?

²¹ O sinal de pontuação espanhol que marca o início de uma pergunta se mostra de grande utilidade no presente trecho, constituído de períodos interrogativos longuíssimos – e simplesmente não creio que exista alguém com autoridade para vetar o seu uso em outra língua!

²² Trata-se aqui, declaradamente, da minha interpretação pessoal do que possa significar a declaração “não se preocupando tanto com as coisas da pólis como com a própria pólis”.

¿Qual será a sentença que eu mereço por ter agido assim?

Honestamente, atenienses, se a sentença deve ser aquilo que se merece, eu acho que mereço algo de bom – e mais: deveria ser alguma coisa boa adequada à pessoa que está recebendo.

E – ora! – o que pode ser adequado a um homem pobre que se dedica a fazer o bem aos senhores, e que precisaria estar livre de preocupações para lhes aconselhar o melhor possível?²³

A nossa cidade premia os esportistas vencedores das Olimpíadas com alimentação completa e de qualidade, às custas do Estado, no Pritaneu, esse edifício onde a cidade também recebe seus convidados ilustres.

Ora, acho que o filósofo merece isso bem mais que o esportista, pois o esportista proporciona aos senhores uma aparência de felicidade, enquanto o filósofo lhes capacita a uma felicidade real – e, além disso, a comida que dão ao esportista não estava lhe fazendo falta – e para mim faz!

Portanto, se é requerido que eu proponha a sentença que eu acho que mereço e que é justa para mim, a sentença que eu proponho é essa: que eu passe a ser sustentado pelo Estado comendo no Pritaneu.

2.3 (28)

Ora, senhores, é claro que eu sei que muitos devem estar achando estas minhas palavras o cúmulo da arrogância e da

²³ O trecho a seguir coloca em ordem inversa os passos da argumentação de Sócrates, incluindo ainda alguns esclarecimentos entretecidos ao texto original de tal maneira que se torna impossível destacá-los entre colchetes.

pretensão – como quando falei, há pouco, sobre as lamúrias e súplicas diante do tribunal.

Mas não se trata disso, senhores! A questão, na verdade é a seguinte: *eu estou convencido de que nunca fiz mal a ninguém* – pelo menos não por querer, e com consciência de que estava fazendo.

Sei que não consegui convencer disso os senhores, mas isso porque foi muito pouco o tempo que tivemos para arrazoar em conjunto. Se vigorasse aqui a mesma lei de alguns outros povos – que proíbe que uma pena de morte seja decidida em um só dia, mas exige para isso várias sessões – aí eu teria conseguido convencê-los.

Mas não é fácil desmontar calúnias tão grandes em tão pouco tempo!

Enfim: o que eu quero dizer com isso é o seguinte: se estou convencido de que não faço mal nem cometo injustiça contra *ninguém*, é claro que também não quero fazer mal nem cometer injustiça contra mim mesmo. Portanto, eu não estou disposto a sugerir nenhuma penalidade a ser aplicada a mim mesmo, pois *isso seria concordar com que eu mereço castigo!*

Se eu acho que é injusto, eu faria isso *por quê*, afinal?

Por medo? Mas medo de quê? Medo da sentença que o Sr. Meleto propõe?

Mas eu acabo de dizer que *não sei* se a morte é um bem ou um mal: que sentido faz, eu escolher, no lugar dela, uma coisa que eu *tenho certeza* que é um mal?

Escolher a prisão? Honestamente, não vejo sentido em viver na prisão como escravo do arbítrio dos carcereiros e juizes de execução que, ainda por cima, se renovam de ano em ano.²⁴

Devo propor uma multa, e que fique preso até terminar de pagar? Mas, como já disse, não tenho bens com que pagar – então isso dá na mesma que a prisão.

2.4 (29)

Ou devo propor o exílio? Essa é uma pena com que os senhores provavelmente concordariam...

Mas eu teria que estar apegado *demais* à vida para não refletir e perceber o seguinte: vocês, que são meus concidadãos, já não têm conseguido aturar a dose de análise crítica contida nas minhas conversas... a tal ponto que, agora, tentam se livrar dessas conversas com este processo. Será que em outras terras os meus discursos seriam menos incômodos?

Que esperança, atenienses!

Bela vida seria a minha, aliás, com setenta anos, sair de Atenas para viver rolando de cidade em cidade, expulso de uma depois da outra...

Afinal, eu sei bem que em qualquer lugar que eu for os jovens vão querer me ouvir – como aqui. Se eu tentar afastar esses jovens de mim, eles mesmos se encarregarão de me ex-

²⁴ Originalmente “Os Onze” – grupo que exercia a autoridade penitenciária e que era substituído anualmente.

pulsar, pedindo aos mais velhos que façam isso; e se eu *não* repelir os jovens, serão os pais e parentes deles que tomarão a iniciativa de me expulsar.

E aqui alguém poderia dizer: “Mas, Sócrates... será possível que você não seja capaz de sair desta cidade e viver *quieto* em algum lugar?”

Parece que está justamente *aqui* o ponto mais difícil para o entendimento de alguns – pois o que posso dizer é que é impossível eu me manter inativo, pois se o fizesse estaria desobedecendo ao deus que me guia – e esses não vão me acreditar, vão achar que estou fazendo caçoadas...

Mas posso também dizer que o maior bem para um ser humano é poder falar todos os dias sobre a virtude e sobre os outros temas de que os senhores me têm visto tratar usando para isso o exame de mim mesmo e dos outros... e mais: posso tentar explicar que uma vida sem esse tipo de exame não é digna de ser vivida... – e os senhores me acreditariam menos ainda!

Tudo isso que eu estou dizendo é pura verdade, senhores! O desafio é pegar quem não quer entender e fazer que comece a querer! ²⁵

²⁵ Trata-se aqui mais uma vez de uma interpretação: de uma aposta em que seja esse o sentido e o tom contidos na oração “mas não é fácil convencer-vos disso”, a qual em si carece de força frente à dramaticidade do momento. Alternativamente pode-se repetir o verbo “entender”: “fazer que comece a *querer* entender”.

2.5 (30)

O fato, senhores, é que não estou acostumado a pensar que eu tenha alguma coisa a ver com penalidades e que penalidades tenham a ver comigo!

Se eu tivesse dinheiro encerraria logo a questão propondo uma multa que eu pudesse pagar. Podem saber que isso não me incomodaria muito. Mas nas minhas condições... condições de quem não tem nada... eu poderia pagar quando muito uma peça de prata – e é isso o que eu proponho, enfim, se os senhores se mostrarem dispostos a aceitar uma multa dentro de limites que eu possa pagar.

SUGESTÃO CÊNICA:

Sócrates recebe um bilhete, ou para um instante para ouvir palavras que lhe dirigem.

Por outro lado, senhores, estão aí o Platão, o Críton, o Critóbolo e o Apolodóron, insistindo pra que eu ofereça *trinta* peças, e se oferecendo como meus fiadores – fiadores dignos de toda confiança, como os senhores sabem.

Então está feita a proposta. Agora a decisão está mais uma vez com os senhores.

SUGESTÃO CÊNICA:

Cena muda (estática ou não) por um ou dois minutos, possivelmente com percussão regular ao fundo.

2.6 (31)

Por não terem sabido esperar um pouco, atenienses, os senhores vão ganhar uma péssima reputação... Não há dúvida que quem quiser falar mal da nossa cidade sairá dizendo por aí: “Eles mataram Sócrates, um homem de tamanha sabedoria!” – pois não importa que eu não seja sábio: é seguro que vão dizer que eu era pra não perderem tal oportunidade de falar mal...

E vejam que, se tivessem sabido esperar apenas mais um pouco, as coisas teriam acontecido naturalmente: pensem só na minha idade, senhores, já tão mais próxima da morte que da vida...

Não é para todos que eu falo agora, mas apenas para aqueles que me condenaram à morte – e, precisamente para esses, ainda quero acrescentar o seguinte: talvez os senhores achem que eu fui condenado porque meus argumentos de defesa não foram bons o bastante...

Engano! Não perdi por falta de argumentos mas por falta de pouca-vergonha e de cara-de-pau: foi por não ter falado daquele jeito que os senhores adoram ouvir, por não ter chorado, gemido, me rebaixado fazendo e dizendo aquele tipo de coisas a que me referi pouco antes da votação e que os senhores estão acostumados a ouvir de outros acusados. Mas eu havia decidido que o perigo não me faria proceder de forma indigna de um homem livre, e por isso *não* me arrependo da defesa que apresentei.

De verdade, prefiro morrer depois de uma defesa digna a sobreviver ao preço de uma defesa indigna. Fazer tudo para sobreviver, não importando a que preço, é tão pouco adequado

nos tribunais quanto é na guerra – seja para a mim, seja pra quem for.

Nas batalhas, por exemplo, não é impossível evitar a morte jogando fora as armas e implorando piedade aos inimigos. Do mesmo modo, em todos os outros perigos costuma haver muitas maneiras de uma pessoa escapar da morte, desde que esteja pronta a pagar o preço que for.

Portanto não é difícil escapar da morte: muito mais difícil é escapar da tentação de fazer o mal: podem ter certeza de que esta tentação corre e nos alcança com muito mais facilidade do que a morte!

Neste momento fomos todos apanhados: eu, que sou um velho vagaroso, pelo mais lento dos perseguidores; meus acusadores, ainda ágeis e velozes, pelo perseguidor mais rápido: a tentação de fazer o mal.

Logo em seguida sairemos todos daqui: eu, condenado pelos senhores à morte; os meus acusadores, condenados pela verdade à infâmia da condição de pessoas iníquas. Recebo minha pena, eles a sua.

Talvez fosse preciso mesmo que as coisas se passassem assim, e no fim das contas talvez esteja tudo certo.

2.7 (32)

Mas existe *uma profecia* que eu preciso apresentar aos senhores que me condenaram – já que agora me encontro na situação em que acontece com mais facilidade de as pessoas adquirirem dons de profecia, que é quando estão para morrer:

eu lhes aviso – aos senhores que decidiram minha morte – que logo depois de eu morrer virá sobre os senhores um castigo, e – pelo Deus dos Deuses! – esse castigo será muito mais duro que este que os senhores acabam de me impor: pois os senhores agiram pensando que se livrariam da análise e crítica a que eu submetia as suas vidas, mas eu lhes asseguro que é precisamente o contrário o que vai acontecer: o número dos que virão lhes analisar e pôr à prova só vai aumentar!

Isso já não aconteceu antes devido justamente à minha existência: sem que os senhores percebessem, fui eu quem os mantive até agora fora do alcance dessa crítica – mas agora ela virá tão mais severa quanto são mais jovens os que irão exercê-la – e tanto maior será a irritação que irão causar nos senhores!

Se os senhores pensam, enfim, que é matando pessoas que escaparão de serem criticados pela má vida que levam, não estão raciocinando muito bem: esse modo de evitar críticas nem é eficiente nem é honroso: o meio mais honroso e mais *simples* nunca será tentar tapar a boca dos outros, e sim empenhar-se em ser uma pessoa melhor.

Era isto o que eu tinha a profetizar aos senhores que me condenaram, e, com isso, dos senhores já me despeço.

2.8 (33)

Quanto aos que me absolveram... eu ainda gostaria de dizer a vocês algumas palavras sobre as coisas que aconteceram aqui – enquanto não chegam os oficiais incumbidos de me levar ao lugar onde devo morrer.

Nada nos impede de conversar enquanto isso é possível, então quero aproveitar para expor a vocês, que mostraram ser meus amigos, a minha compreensão das coisas por que estou passando.

Aconteceu comigo hoje uma coisa realmente extraordinária, senhores juízes (falo a vocês que eu posso chamar de juízes *com justiça!*): aquela voz inspiradora habitual – a voz espiritual de que já falei – até hoje esteve sempre de prontidão em mim, marcando sua oposição, mesmo nas menores coisas, toda vez que eu estive pra fazer alguma coisa de errado.

Desta vez, no entanto – desta vez em que, como vocês estão vendo, vem ao meu encontro o que se costuma considerar o maior de todos os males – nem ao sair de casa, de manhã, nem enquanto eu subia até este tribunal, nem enquanto eu fiz uso da palavra... – *nenhuma* vez essa voz divina fez alguma objeção.

E eu lhes digo que, em outras ocasiões, muitas vezes ela me interrompeu no meio do que eu estava dizendo! Hoje, porém, neste julgamento inteiro não esboçou a menor oposição a nenhuma palavra ou ato meu.

Qual poderia ser a causa disso?

Vou dizer a vocês o que eu acho: é que muito provavelmente o que está me acontecendo *é um bem*, e estamos longe da verdade quando pensamos que a morte é um mal.

E acho que agora tenho uma boa prova disso: a minha voz interior habitual não teria deixado de se opor se o meu procedimento hoje tivesse sido errado.

2.9 (34)

Eu convidado vocês, então, a pensarmos um pouco na *grande esperança* que é essa de que a morte seja um bem.

Na realidade, só há duas coisas que podem acontecer com a morte: ou quem morre se converte em nada e não sente mais nenhuma sensação de coisa nenhuma, ou então, como se costumava dizer, a alma faz uma mudança: emigra deste para outro lugar.

Se não há nenhuma sensação, se é como um sono profundo em que o adormecido não vê nada, nem ao menos sonha... então a morte será um benefício maravilhoso! Pois eu acho que se alguém tiver que comparar e escolher quantos de seus dias e noites foram mais agradáveis que uma noite bem dormida *assim*, em que não viu nada, nem sonhou... estou seguro de que nem o rei da Pérsia [com todos os seus luxos] conseguiria se lembrar de muitos dias e noites tão agradáveis assim!

Ou seja: se a morte é isso, digo que é uma vantagem, pois aí toda a [penosa] duração do tempo vem a se resumir numa só noite [- e bem dormida].

2.10 (35)

Se, pelo contrário, a morte é como a mudança daqui para outro lugar e é verdade o que se diz, que lá se reúnem todos os que morreram – que bem maior se poderia desejar, ó juízes?

Pois se, ao chegar ao reino de Hades, a pessoa se encontra livre da autoridade destes homens que se intitulam juízes, e vai encontrar ali os juízes verdadeiros, aqueles que, segundo a

nossa tradição, foram justos e fizeram justiça em vida, e agora, tornados semideuses, administram a justiça do lado de lá – Minos, Radamanto, Éaco, Triptólemo, entre muitos outros... Então: acham que uma viagem dessas seria sem interesse?

Quanto não daria qualquer um de vocês para estar com os nossos grandes artistas: com Orfeu, Museu, com Hesíodo, com Homero...

Ora, se isso é verdade, eu até gostaria de morrer muitas vezes! Imaginem que horas especiais eu passaria lá trocando ideias com Palamedes, com o Ájax filho de Télamon, ou qualquer outro herói dos tempos antigos que tenha morrido de uma sentença injusta!...

Seria uma conversa muitíssimo interessante, eu imagino, comparar o meu caso com os deles!

Mas o mais estimulante de tudo seria passar o meu tempo, como aqui, examinando e questionando os de lá como os de cá, para ver quem deles é sábio, e quem pensa que é mas não é...

Quanto não se daria, caros juízes, para poder examinar o rei que liderou o grande exército no embate com Troia, ou Ulisses, ou Sísifo, e tantos outros, homens e mulheres, que se poderiam mencionar...

Seria uma felicidade indizível conversar com eles, desfrutar do seu convívio, e inclusive questioná-los... *sem risco de ser condenado à morte por isso!*

Afinal, se a tradição está certa, os habitantes do Hades são mais felizes que nós sob todos os aspectos – entre outras coisas... por terem se tornado imortais!

2.11 (36)

Também vocês, meus juízes, deveriam fazer como eu: *preencher a morte com a esperança do bem* – e cultivar especialmente esta certeza: a de que para um homem bom não existe mal nem na vida nem na morte; e que os deuses jamais se desinteressam do seu destino.

O que está me acontecendo não pode ser fruto do acaso: estou vendo que para mim será lucro morrer agora e me libertar dos cuidados desta vida.

É por isso que a voz interior não interferiu em nada, hoje.

E é por isso, também, que não levarei ressentimento contra os que me acusaram e os que me condenaram – o que não quer dizer que eles não mereçam censura: afinal, não foi com boa intenção que me acusaram e condenaram, e sim na suposição de que conseguiriam me fazer um mal.

Por *essa razão* são dignos de censura.

2.12 (37)

Depois de tudo, só me resta um pedido a lhes fazer, senhores cidadãos de Atenas: quando meus filhos crescerem, eu peço que os examinem.

Caso eles estejam dando mais valor à riqueza que à prática da virtude, por favor: apliquem a eles os mesmos tormentos que eu apliquei a vocês; e caso eles andem convencidos de que são importantes sem terem valor, ou de que têm méritos quando não têm, peço que os repreendam do mesmo modo que eu repreendi a vocês: por não estarem cuidando do essencial.

Se vocês fizerem isso estarão sendo justos – comigo e com os meus filhos.

2.13 (38)

E agora chegou a hora de irmos cada um pelo seu caminho: eu para a morte, vocês para a vida.

Quem de nós leva a melhor sorte, ninguém de nós sabe: se há quem saiba, esse é DEUS.²⁶

[DE VOLTA AO ÍNDICE](#)

²⁶ Entendo que deve haver liberdade do ator na escolha das palavras exatas com que fecha o monólogo, desde que mantendo o sentido fundamental.

ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS

Nunca havia pensado na *Apologia de Sócrates*, de Platão, soando em voz alta nos dias de hoje, e muito menos como peça de *arte*, até participar de uma roda de leitura promovida pela Prof.^a Dra. **Carlota Boto** em suas aulas de Filosofia da Educação, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Foi uma revelação: pouco a pouco percebi que estava diante de uma efetiva peça teatral – um poderoso monólogo que progride do cômico ao drama até seu próprio limite, passa por uma quebra e atinge a sublimação.

Ao mesmo tempo, a incrível atualidade das questões abordadas sugere uma peça *de alta comunicação com o público* – e não apenas um público intelectualizado: antevi claramente a possibilidade da participação vibrante da população com que convivi mais intensamente de 1993 a 2010: a das periferias urbanas.

Será real essa possibilidade que antevi? E se for, que fator ou fatores estarão garantindo o apelo atual desse texto escrito há cerca de 2400 anos? Senti-me fortemente tentado a investigar essas questões – mas para tanto seria necessário de fato *apresentar* a *Apologia de Sócrates* teatralmente, não apenas imaginar como seria.

A LINGUAGEM QUE SE EVITOU. Para isso, porém, seria preciso eliminar uma primeira barreira: a do descabido português clássico, ou classicizante, que se tem insistido em empregar na tradução de obras da antiguidade.

Descabido porque o retrocesso de 200, 300 ou 400 anos na história da língua portuguesa de nenhum modo nos torna mais pró-

ximos da atmosfera daquele outro universo cultural acontecido 1600 anos antes de que esta língua meramente começasse a existir.

Ou teria Platão escrito seu texto num grego passadista? Meu conhecimento dessa língua e cultura é de longe insuficiente para opinar sobre isso – mas, se forem confiáveis as palavras que o próprio Platão coloca na boca de Sócrates, podemos supor que *muito pelo contrário*: Sócrates pede expressamente que não se leve em conta o fato de que ele não falará a linguagem formal dos tribunais, e sim a linguagem que costuma usar *no cotidiano das ruas*. O que justifica, então, que se recrie um tal texto em qualquer linguagem que não a do cotidiano das ruas de um determinado momento e lugar?

Alguém poderia argumentar que os registros de linguagem coloquiais se tornam obsoletos em pouco tempo, enquanto os mais formais costumam ter maior prazo de validade. Isso não deixa de ser verdade – mas dentro de limites! Alguém sabe nos dizer há quantas gerações nenhum brasileiro se expressa espontaneamente usando o pronome “vós” e as formas verbais correspondentes, mesmo nas ocasiões mais formais? Por que, então, brasileiros insistem em traduzir obras para essa língua *que não é a sua*? Ou terá isso a ver com a tentação de (valhamos Pierre Bourdieu e tantos outros!) manter o conhecimento como privilégio de poucos?

Sócrates e Platão para todos! ²⁷

²⁷ Não ignoro a ideia de Ortega y Gasset, de que o tradutor deve “arrancar o leitor de seus hábitos linguísticos”, fazê-lo experimentar mentalmente, dentro de sua língua mãe, o modo de falar/pensar da língua traduzida; não ignoro e acho que isso tem seu lugar, sobretudo junto a um público previamente capacitado a tirar proveito de tal aventura. São dois projetos igualmente válidos, cada qual com sua finalidade.

A LINGUAGEM QUE SE EMPREGOU. Enfim: o registro de linguagem adotado aqui é inspirado no das ruas de São Paulo nos últimos anos do século XX e primeiros do século XXI (com possível interferência de padrões do Sul do Paraná, região onde passei meus primeiros 30 anos de vida). O texto pode *e deve* ser readaptado para soar o mais natural possível quando for usado em outros pontos do tempo e/ou do espaço – p.ex. daqui a alguns anos ou décadas, ou hoje mesmo no Rio de Janeiro, na Ilha de Marajó, onde for. Pode-se inclusive, conforme o contexto de uso, retroceder a uma linguagem ligeiramente mais formal, menos popular – mas... moderação no uso da moderação! Tudo o que este texto não deve é soar *hipócrita!*

Mas por quê, se busquei a informalidade, transformei as referências aos acusadores “Meleto”, “Ânito” etc., em “Sr. Meleto”, “Sr. Ânito” e assim por diante?

Justamente porque no Brasil o uso de tal tratamento expressa o *contrário* da estima: expressa desejo de distanciamento, se não franco desprezo ou hostilidade: “a senhora faça-me o favor de arrumar o seu quarto”, diz a mãe furiosa a uma filha adolescente; ou “eu não tenho nada a ver com esse senhor Fagundes!”. Ainda que Sócrates comente o fato de Meleto ser muito mais jovem que ele, dizer apenas “Meleto” seria admitir intimidade.

Nesse mesmo sentido, é intencional o deslocamento de “os senhores” para “vocês” no final da obra, quando Sócrates está se dirigindo aos amigos e aos votantes que o absolveram.

AS RECONTEXTUALIZAÇÕES CULTURAIS. De modo geral, o que se está apresentando é uma *tradução ao português brasileiro contemporâneo*, mais que uma adaptação. À parte uma ou ou-

tra inversão de elementos, ou o acréscimo de alguns vocativos (“senhores!”) e expletivos (“enfim...”), o que se tem é o texto integral de Platão.

Há casos, porém, em que as referências permaneceriam distantes demais do público atual: o que é *um poeta autor de ditirambos*?

Em alguns casos assim, ousei um pouco de *tradução cultural*, escolhendo funções que correspondam, na nossa sociedade atual, às apontadas por Sócrates dentro da sua sociedade – baseando-me na caracterização dessas funções apresentada no próprio texto de Platão. Assim é que, *visando o uso teatral*, os tais “poetas trágicos, autores de ditirambos e outros” se tornaram “literatos, autores de dramas, romances e novelas”... Para uso didático, no entanto, as alusões originais foram mantidas em notas de rodapé – ou, quando foram feitos acréscimos, estes foram mantidos prudentemente dentro de colchetes.

Um caso especial bastante complexo são as frequentes referências a deuses e a “o deus”: *ho theòs*, com artigo definido: parece óbvio traduzir como “o deus”, sugerindo um deus específico entre os muitos de um panteão politeísta – e, de fato, os ouvintes ou leitores da época provavelmente entenderiam todas as menções de Sócrates a “o deus” como referências ao Apolo cultuado em Delfos – ao mesmo tempo *deus pessoal* do filósofo, do mesmo modo como nas religiões afro-brasileiras alguém diria “o orixá (ou ‘o santo’) pede tal coisa” referindo-se ao principal ou mesmo a um outro dos seus orixás pessoais – p.ex. Oxalá, ou Oxum, ou Oxóssi – embora pareça provável que para si mesmo Sócrates tivesse uma compreensão mais filosófica de um plano de sabedoria e de forças sobre-humanas, sem um atrelamento

estrito às personificações tradicionais da mitologia. Além disso, não se deve esquecer que *também* o Deus único judaico-cristão é referido em grego com artigo – p.ex. em I João 4:8, *ho Theòs agápe estín*, literalmente “o Deus é amor”.

A partir dessas observações tomei a considerável liberdade de substituir muitas vezes “o deus” por “DEUS” ou por “A DIVINDADE” – fazendo que Sócrates diga, p.ex., “faço isso a serviço de DEUS”, em lugar de “a serviço do deus”. Convencionei grafar qualquer uma dessas expressões em VERSALETE e com inicial minúscula; com isso se torna fácil, para alguém que o prefira, restabelecer a forma “o deus” ou adotar em todos os casos a possível solução de compromisso que é “a divindade”.

O mesmo sentido de flexibilização da contextualidade (digamos assim) tem ainda o emprego de expressões como “pelo DEUS DOS DEUSES” e “pela NOSSA MÃE DIVINA” em substituição a “por Zeus” e “por Hera”: o interessado em ser mais fiel ao texto original pode facilmente restaurá-lo a partir desta indicação e das notas de rodapé.

AS FONTES E A FORMA. Gostaria muito de um dia refazer este trabalho inteiro a partir do texto grego, mas sou suficientemente realista para reconhecer que isso é altamente improvável, visto que a vida será com certeza curta demais para tudo o que eu ainda gostaria de escrever e fazer – indiferente se eu viver apenas mais um dia ou outros cinquenta anos. Tendo isso em vista, já é com grande satisfação que ofereço a presente versão, gerada em 2007 com base em três traduções ao português extremamente diferentes, que são as de **Maria Lacerda de Moura** (São Paulo: Atena, 1957), de **Jaime Bruna** (em *Os Pensadores* vol. II. 1 edição. São Paulo: Abril, 1972) e de **Manuel de Olivei-**

ra Pulquério (Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997) – das quais, a propósito, nenhuma declara se partiu do original grego ou (o que é muito comum) de traduções intermediárias. Além disso, alguns detalhes foram verificados com apoio no texto grego editado por **Louis Dyer** (Plato. *Apology of Socrates and Crito*. Boston: The Athenaeum Press, 1885. Disponível em <http://www.textkit.com>, consulta em julho de 2019).

Tal multiplicidade de fontes mostrou, entre outras coisas, que a divisão da Apologia em partes e seções não é consensual: Moura, por exemplo, apresenta o texto em parágrafos distribuídos entre 31 sessões, distribuídas por sua vez entre três partes, enquanto Dyer o apresenta em 33 seções, divisão em parágrafos nem em partes. Senti-me autorizado, assim, a optar por dividir a obra em duas partes contendo 38 seções (25+13), seções divididas por sua vez em parágrafos concebidos de um modo que espero capaz de sugerir a imaginação cênica e a expressividade retórica que o texto me inspira. Lamento se isso dificultar a comparação com outras versões, mas não deixa de haver aí um desafio lúdico – que pode inclusive ajudar na familiarização com a Apologia!

CRÉDITOS ADICIONAIS. Não é demais agradecer mais uma vez pelo impulso decisivo que a já mencionada aula da **Prof.^a Dra. Carlota Boto** representou – mas junto com isso cabe esclarecer que meu interesse e afeto por Sócrates haviam sido despertados já na infância e pré-adolescência pela leitura de **Monteiro Lobato** (especialmente de *O Minotauro*, mas creio que também de referências esparsas em diversas obras). Isso certamente não teria se dado se tal leitura tivesse sido substituída pelas adaptações audiovisuais que vieram mais tarde – o

que por sua vez me parece apontar para a relevância de trabalhar o espinhoso tema da possibilidade (ou não!) de resgatar o bom de Lobato do meio de seus próprios e graves preconceitos, agora que sua obra está agora em domínio público.

Além de Lobato, aos 12-13 anos também ouvi falar de Sócrates nas aulas de português do **Prof. Alcides Augusto de Matos** (que era também pastor da Igreja Presbiteriana que minha família frequentava em Guarapuava, interior do Paraná). Dele, ouvi falar especificamente da *maiêutica* – a técnica de fazer o próprio aprendiz encontrar suas respostas estimulando-o com perguntas –, o que parece ter se incorporado desde então a meu modo de trabalhar e mesmo de *ser*.

Isso talvez explique um dos estímulos mais fortes a empreender este trabalho, que foram as semelhanças entre os desafios encontrados na minha atividade pedagógica – exercida desde 1976 principalmente entre jovens e em contextos diferentes da escola formal – e os desafios que Sócrates relata haver encontrado no exercício da *sua* atividade sociopedagógica, na sua época e lugar (Sócrates viveu de 469 a 399 AEC; Platão, cerca de 40 anos mais jovem, de entre 429 e 423 a 347 AEC).

Finalmente, as reflexões de Sócrates diante do tribunal (tais como nos são apresentadas por Platão) acabam se configurando como um balanço dos seus setenta anos... o que não deixa de ser instigante no momento em que me vejo fazendo o balanço (que espero ainda parcial, e não final...) dos meus cinquenta – completados ao mesmo tempo que a versão inicial deste trabalho.

Santos, 15 de abril de 2007

O trans-tradutor

P.S.: Concluída a tarefa principal e a primeira versão desta apresentação, decidi esperar alguns meses para poder efetuar uma revisão com mais distanciamento – e esses meses acabaram se multiplicando a mais de 144: somente em 2019 encontrei energia suficiente para tal revisão, motivado em grande medida pelo terrível momento que nosso país atravessa: momento de falsa justiça impulsionada por falsos homens de bem – o que não deixa de facilitar, tragicamente, a compreensão do que aconteceu a Sócrates 24 séculos atrás.

Com isso já não me faltam 20 mas apenas 8 anos para chegar à idade alcançada por Sócrates – e, sinceramente, já não parece viável que eu mesmo venha a representá-lo, dentro ou fora de um projeto de investigação como o pensado em 2007.

Fica portanto o convite, estímulo, provocação, a quem tiver efetivas condições de pôr o texto em cena,²⁸ para o que adianto desde já meus votos de MERDA! – no sentido da tradição teatral, é claro!²⁹

Vitória, julho de 2019

Ralf Rickli

²⁸ Naturalmente não sem meu conhecimento e autorização, a ser expressa em acordo escrito específico para cada projeto.

²⁹ Como primeiro gesto de colaboração, informo meus próprios tempos de leitura em voz alta do texto: 1ª parte: 68 minutos; 2ª parte: 22 minutos. Total sem intervalos e/ou silêncios cênicos significativos: 1h30.